

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALESSANDRA HAMAN FOGAGNOLI DAMACENO

INTERNETÊS NA ESCOLA: UM ESTUDO COM VISTAS PARA A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA

CURITIBA

2011

ALESSANDRA HAMAN FOGAGNOLI DAMACENO

INTERNETÊS NA ESCOLA: UM ESTUDO COM VISTAS PARA A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Metodologia da Pesquisa Científica como requisito parcial para aprovação no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Mídias Integradas na Educação, Coordenação de Integração de Políticas de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Ms. Cris Betina Schlemer

CURITIBA

2011

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
1.1 OBJETIVO GERAL	7
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA	7
1.4 JUSTIFICATIVA	7
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 O USO DAS MÍDIAS PELA EDUCAÇÃO	10
2.2 A ERA DA COMUNICAÇÃO VIRTUAL	13
2.3 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS: O USO INTERNETÊS	17
3 METODOLOGIA	20
3.1 PERGUNTAS DE PESQUISA	20
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
3.2.1 UNIVERSO DE PESQUISA E AMOSTRA	22
3.2.2 ETAPAS DO PROCESSO DE COLETA: FASE QUALITATIVA	22
3.2.2 ETAPAS DO PROCESSO DE COLETA: FASE QUANTITATIVA	23
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	24
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	24
4.2 HÁBITOS DE USO DA INTERNET	27
4.3 COMUNICAÇÃO FORMAL: <i>E-MAIL VERSUS</i> REDAÇÃO	32
4.4 COMUNICAÇÃO INFORMAL: <i>MSN VERSUS</i> BILHETES	33
4.5 COMUNICAÇÃO VIRTUAL: <i>E-MAIL VERSUS</i> <i>MSN</i>	35
4.6 COMUNICAÇÃO NÃO VIRTUAL: REDAÇÃO <i>VERSUS</i> BILHETES	37
5 CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	42

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 – QUAL SUA IDADE?	25
GRÁFICO 2 – QUAL É O LUGAR DE ONDE VOCÊ ACESSA A INTERNET?.....	26
GRÁFICO 3 – QUANTAS HORAS SEMANAIS VOCÊ ACESSA A INTERNET?.....	27
GRÁFICO 4 – QUAL DAS ALTERNATIVAS CORRESPONDE AO MOTIVO MAIS FORTE PARA ACESSAR A INTERNET?	28
GRÁFICO 5 – QUAL(IS) MEIO(S) VOCÊ UTILIZA PARA FAZER CONTATO ATRAVÉS DA INTERNET?.....	29
GRÁFICO 6 – UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM DA INTERNET	29
GRÁFICO 7 – UTILIZAÇÃO DO INTERNETÊS NAS INTERAÇÕES VIA MSN.....	30
GRÁFICO 8 – COM RELAÇÃO À MANEIRA COMO VOCÊ INTERAGE POR ESCRITO COM SEUS AMIGOS NA INTERNET, QUAL ALTERNATIVA MAIS SE APROXIMA DA QUE VOCÊ USA?	31

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – ETAPA QUALITATIVA.....	22
TABELA 2 – COMPARATIVO ENTRE A FORMA ESCRITA VIRTUAL (<i>E-MAIL</i>) E A FORMA ESCRITA NÃO VIRTUAL (REDAÇÃO ESCOLAR) FEITAS PELOS MESMOS ALUNOS.....	32
TABELA 3 – DADOS SOBRE A PRESENÇA DO INTERNETÊS NA COMUNICAÇÃO INFORMAL “ <i>MSN</i> ”	33
TABELA 4 – DADOS SOBRE A PRESENÇA DO INTERNETÊS NA COMUNICAÇÃO INFORMAL “BILHETE”.....	34
TABELA 5 – COMPARATIVO ENTRE AS FORMAS ESCRITAS NO AMBIENTE VIRTUAL (<i>E-MAIL</i> E <i>MSN</i>) ESCRITAS PELOS MESMOS ALUNOS	35
TABELA 6 – DADOS SOBRE A PRESENÇA DO INTERNETÊS NA COMUNICAÇÃO NÃO VIRTUAL “REDAÇÃO ESCOLAR”	37
TABELA 7 – DADOS SOBRE A PRESENÇA DO INTERNETÊS NA COMUNICAÇÃO NÃO VIRTUAL “BILHETE”	37

1 INTRODUÇÃO

As duas últimas décadas caracterizaram-se como um período marcado pela velocidade dos meios de comunicação, possibilitada pela tecnologia digital, especialmente a Internet e vem exercendo forte influência sobre as formas de como as pessoas interagem e se integram socialmente. Vários recursos de comunicação mediados por computador não param de se ampliar, com isso as relações interpessoais estão se modificando levando também a mudanças nas formas de ler e escrever, uma vez que isso ocorre através de um suporte digital (MARCUSCHI, 2010).

Essa mutação nas relações comunicativas ocasionou um novo estilo de língua impregnado de criatividade, símbolos e abreviações – o *internetês* – que pode ser observado na diversidade de gêneros textuais emergentes, como os *chats*, *e-mails*, Orkut, *blogs* e *MSN* (Messenger). De acordo com Costa (2010, p. 23) é esta “uma nova linguagem ou chamado ‘estilo *on-line*’, com modificações no código alfabético e na escrita oficial (do Português e outras línguas), com invenção de novos códigos, novo vocabulário, nova sintaxe.”

O uso dessa variação linguística mais dinâmica e funcional se deve à tendência dos usuários de acelerar o processo de escrita a ponto de tentar escrever da mesma forma como se fala, levando a um processo de hibridização de oralidade e escrita. Tem-se, segundo Costa (2010, p. 24), nas interações via Internet, uma escrita “em que oral e escrito se dissolvem, principalmente levando-se em conta as condições de produção discursiva digital de um tipo de ‘fala’ que faz uso da escrita mediada pelo teclado”, ou seja, a comunicação acontece numa espécie de fala por escrito, com recursos expressivos simulando uma conversa face a face.

Os adolescentes desde cedo estão inseridos no mundo da tecnologia e isso tem sido motivo de preocupação de pais e professores no sentido de como os jovens em idade escolar se expressam no meio eletrônico e se isso poderia estar influenciando no seu desempenho escolar no que se refere à aquisição na norma culta da língua.

Não há como negar que o uso do computador e da Internet está no cotidiano da maioria dos alunos e pode influenciá-los de forma mais ou menos agressiva. Adentram também nas salas de aula como ferramentas pedagógicas na mediação

do processo de aquisição de conhecimento e, quando bem utilizadas, podem ser aliadas dos professores, desde que estes se apropriem das novas tecnologias, utilizando-as não como fim e compreendam a linguagem e a dinamicidade que ocorrem nesse tipo de relação. Estas questões são de extrema importância para que o computador e a Internet não se tornem recursos didáticos utilizados travestidos de modernidade.

Esse fato leva à necessidade de se analisar alguns aspectos do novo tipo de comunicação conhecido como Comunicação Mediada por Computador (CMC) ou comunicação eletrônica que, como afirma Marcuschi (2010, p. 18), “desenvolve uma espécie de ‘discurso eletrônico’”, que é uma das consequências das novas formas de comportamento que estão surgindo a partir do uso excessivo do computador.

Com o uso frequente dessa mídia incorporada pela escola, esta passa a ser um ambiente mais atrativo aos alunos, tornando-se mais facilmente uma extensão das atividades sociais das quais eles participam. Mencionando ainda a fascinação que é proporcionada quando o computador é utilizado como ferramenta no processo de ensino.

Porém, há que se ter uma certa cautela, sobretudo para não se achar que esses novos recursos seriam a redenção do processo educativo, mas podem ser sim elementos a mais para a construção de uma educação que contará com mecanismos que podem favorecer na superação de limitações encontradas hoje no ambiente escolar.

Cabe ainda fazer referência sobre a importância do professor de língua materna propor reflexões aos alunos sobre essa nova linguagem surgida nas interações através da Internet para que seja utilizada de forma adequada, sem que ela ultrapasse a esfera digital.

Neste sentido, este trabalho visa analisar alguns aspectos da linguagem da Internet e seus reflexos nos adolescentes no âmbito educacional, mais especificamente nos textos escritos por alunos de sétimas séries do Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng de Foz do Iguaçu, na disciplina de Língua Portuguesa.

1.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a influência do uso da Internet, por meio dos recursos de interação oferecidos por ela, na construção de textos escritos pelos alunos de sétimas séries do período vespertino, do Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng, de Foz do Iguaçu, produzidos no contexto escolar.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os hábitos de uso da Internet dos alunos do Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng;
- Verificar como os alunos utilizam a língua portuguesa em comunicações formais e informais, mediadas ou não pelo meio virtual;
- Verificar se os alunos têm consciência de distinguir o uso do internetês do uso na norma culta;
- Identificar em que nível a escrita digital dificulta a escrita escolar;
- Identificar de que forma o internetês pode modificar a língua culta;

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Qual a influência do uso da Internet, por meio dos recursos oferecidos por ela, na construção de textos escritos pelos alunos de sétimas séries do período vespertino do Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng, de Foz do Iguaçu, produzidos no contexto escolar?

1.4 JUSTIFICATIVA

Na atualidade, a Internet é uma das formas de comunicação mais utilizadas por pessoas de todas as idades, especialmente adolescentes e jovens. O uso frequente desse veículo tem causado mudanças em vários segmentos sociais, incluindo o escolar. Porém este fato tem levado a uma situação polêmica, debatida por professores, pais e estudiosos da linguagem no que se refere ao uso da variante

própria do meio virtual e se esta forma linguística estaria atrapalhando a aprendizagem e o domínio da norma culta da língua, ensinada na escola.

Marcuschi (2010) revela também essa preocupação quando diz que

O impacto das tecnologias digitais na vida contemporânea está apenas se fazendo sentir, mas já mostrou com força suficiente que tem enorme poder tanto para construir como para devastar. Seguramente, uma criança, um jovem ou um adulto, viciados na Internet, sofrerão sequelas nada irrelevantes. (MARCUSCHI, 2010, p. 16)

Ao mesmo tempo, partindo do exposto, entende-se que este campo é de extrema importância para estudos sobre os hábitos, não só linguísticos, mas também sociais dos novos grupos que compõem a imensa rede mundial que vêm aumentando e se diversificando a cada dia.

Evidenciada a presença da Internet no dia a dia das pessoas é fato que a escola encontra-se num momento de repensar suas funções e reinventar suas práticas para atender às exigências de uma nova sociedade numa perspectiva menos tecnicista e mais sócio-histórica. Dessa forma, contribui Marchuschi (2010) dizendo que a escola precisa se preocupar em trabalhar como se produz um *e-mail*, por exemplo, e outros gêneros digitais, além de continuar analisando como se escrevem outros textos muito mais distantes do contexto do aluno. Porém isso já é visto, uma vez que muitos livros didáticos estão trazendo reflexões sobre *blog*, *chat*, *e-mail* e outros da esfera digital, demonstrando que é importante no trabalho com a língua levar o aluno a saber adequá-la ao contexto de produção.

No dia a dia, nas aulas de Língua Portuguesa, tem-se verificado marcas da linguagem utilizada pelos jovens e adolescentes nas interações pela Internet, pela estreita relação que eles têm com o meio virtual. Por isso, este trabalho justifica-se pelo interesse e necessidade de se discutir sobre essa variação da língua utilizada na esfera digital e a transformação que a Internet pode ocasionar na escrita dos alunos, uma vez que tem sido verificada nos textos produzidos por eles. Também porque as novas tecnologias proporcionam situações de interação mais motivadoras, transformando-se assim em grandes ferramentas educacionais, onde a língua é utilizada em contextos reais, melhorando assim a competência comunicativa dos alunos.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

O objetivo deste estudo centra-se na investigação sobre a influência dos recursos de interação oferecidos pela Internet, no que se refere ao uso da linguagem própria desse meio nos textos produzidos no contexto escolar. Para isso, este trabalho foi estruturado em cinco capítulos, sendo que o primeiro apresenta o assunto abordado, os objetivos, o problema de pesquisa, além da justificativa para se analisar o tema. O capítulo 2 traz inicialmente uma breve reflexão sobre a chegada das mídias no cotidiano das pessoas e seu impacto no meio educativo, discutindo como a TV, o rádio e, principalmente a Internet, podem ser recursos didáticos inovadores, levando a formas de aprendizagem mais significativas, uma vez que são de muito interesse para o adolescente de hoje. Traz à tona também como tem acontecido a comunicação na chamada “era digital” através dos gêneros textuais emergentes surgidos na esfera virtual, o que ocasionou na criação de uma nova variação da língua, o “internetês”, destacando as formas de interação pelo MSN (Messenger) e por *e-mail*.

O capítulo 3 explica os procedimentos metodológicos adotados, que contou com abordagem qualitativa e quantitativa. Na fase qualitativa, caracterizada como estudo de casos, foram colhidos textos formais e informais, produzidos no contexto virtual e não virtual. Na fase quantitativa procurou-se mensurar, através de dados utilizando como instrumento um questionário, como é a relação que os alunos têm com o computador e a Internet.

No capítulo 4, são apresentados o problema e as perguntas que nortearam esta pesquisa. Demonstra ainda os resultados verificados através de gráficos e tabelas, assim como a análise dos mesmos, divididos de forma a caracterizar a amostra pesquisada, se há a consciência do uso da linguagem própria da Internet por parte dos alunos, sua influência no meio escolar e se essa variação poderia estar influenciando na norma culta da língua.

O capítulo 5 traz as considerações finais sobre a influência do internetês na produção escrita dos alunos, situando essa forma de linguagem como uma variação linguística, socializando reflexões no sentido de ampliar o estudo sobre a língua materna.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A tecnologia, hoje, está totalmente inserida na vida da maioria das pessoas, seja no trabalho, no lazer, nas formas de informação e comunicação. Isso ocorreu devido à globalização e ao surgimento constante de novos recursos tecnológicos, exigindo cada vez mais cidadãos capazes de superar as mais diversas situações. A escola, neste contexto, deve estar ciente de que ela é que deve proporcionar condições a esses indivíduos para que eles atuem socialmente de maneira satisfatória, sabendo interagir utilizando-se das mais variadas linguagens presentes nos recursos tecnológicos aos quais se tem acesso, como: computador, Internet, TV Multimídia, DVD e rádio. Isso exige alterações nos processos de aquisição do saber, que contemplem o aprender a aprender, promovendo reflexões, análises e tomadas de consciência do que sabe, mudando os próprios conceitos, buscando novas informações.

2.1 O USO DAS MÍDIAS PELA EDUCAÇÃO

Hoje, nosso dia a dia é caracterizado pelas múltiplas linguagens e pela forte influência dos meios de comunicação. Nesse contexto, as escolas, de modo geral, estão procurando inovar se ambientando para utilizar as mídias na educação, equipando-se com TVs Multimídia, laboratórios de informática e adquirindo equipamentos para montagem de rádio escola, além de também haver o investimento dos governos na formação continuada de professores através de cursos presenciais e a distância. Tudo isso no intuito de não somente integrar as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) às escolas, mas usá-las para novas transformações e construção de conhecimento, não servindo somente para transmitir informações.

Assim contribui Brito (2006, p.40), afirmando que: “só o uso não basta; se as tecnologias educacionais não forem bem utilizadas, garantem a novidade por algum tempo, mas não que realmente aconteça uma melhoria significativa na educação”.

A TV como meio de comunicação de massa, faz parte da realidade da maioria dos lares brasileiros, concentrando a atenção, influenciando em muitas atividades do nosso dia a dia. Transformou-se num eletrodoméstico do qual não se abre mão, “convive” com a intimidade das pessoas e participa como um componente social,

cultural e econômico, veiculando informação, publicidade e divertimento através de imagens e sons, produzindo sentidos relacionados ao nosso modo de ser, de pensar e de conhecer o mundo. Porém este fato provoca, muitas vezes, opiniões ambíguas, pela influência que tem na vida das pessoas, conforme afirma Napolitano (2003, p. 17):

nos usos sociais da TV, interferem fatores importantes, muitas vezes ambíguos, que são fundamentais em qualquer experiência cultural e simbólica: razão e emoção; alienação e participação; sonho e realidade; lazer e trabalho; tédio e fascinação. Estes fatores nos ajudam a entender como se realiza a mídia televisual e como as pessoas reagem a ela e com ela. (NAPOLITANO, 2003, p.17)

Essa ambiguidade verificada certamente é em função do senso comum ainda propagado no meio educacional, onde muitos professores criticam a TV, pelo peso da intelectualidade que devem ter, mas ao chegarem a seus lares, muitas vezes se entregam ao fascínio que esse meio de comunicação provoca.

O que é preciso ter como foco no trabalho pedagógico é que a utilização da TV como recurso didático não pode servir como substituto do professor, banalizando assim o seu uso. Por isso deve haver sempre um planejamento, aproveitando inclusive para a sensibilização ou motivação da aula, para introduzir um conteúdo novo, levando à curiosidade, ao espírito científico, à vontade de pesquisar.

A verdade é que fazemos parte de uma sociedade que é fortemente marcada pela TV e muito do que é transmitido por ela colabora para nos situarmos no mundo e nos faz compreender nossa relação com tudo que nos cerca, ajudando a construir nossa própria identidade.

O rádio é outra mídia de grande atuação social, é democrático e através dele as pessoas de diversas classes sociais têm acesso à informação e ao entretenimento. Porém a escola tem se aproveitado muito pouco desse recurso para promover ensino e aprendizagem, talvez isso ocorra pelo fato de que, segundo Macluhan (1971, p.36), “o rádio, como outras mídias eletrônicas, é mais dinâmico, atraente, sedutor e rápido do que a dinâmica escolar”.

Por sua dimensão ampla e por usar uma linguagem acessível ao seu público, o rádio pode contribuir de forma a melhorar a deficiência de comunicação entre escola, aluno e comunidade, para assim concretizar um processo de ensino-aprendizagem mais eficiente, desenvolvendo nos alunos a

consciência crítica, que fará com que ele saiba atuar como cidadão competente no futuro.

Entretanto, na enorme gama das mídias disponíveis na maioria dos países do mundo, a Internet é o destaque, pois

Possibilita a comunicação entre pessoas para os mais diferenciados fins: fazer negócios, trocar informações e experiências, aprender juntas, desenvolver pesquisas e projetos, namorar, jogar, conversar, enfim, viver novas vidas, que podem ser compartilhadas em pequenos grupos ou comunidades virtuais. (KENSKI, 2008, p.33)

Essa forma de comunicação está explodindo como a mídia mais promissora desde a implantação da televisão. A cada dia, mais e mais pessoas a acessam por diversos motivos por ser ela a mídia mais aberta atualmente. Cada indivíduo pode fazer nela o que bem entender, conversar, oferecer serviços, se informar. Por isso mesmo é que

Na Internet encontramos vários tipos de aplicações educacionais: de divulgação, de pesquisa, de apoio ao ensino e de comunicação. A divulgação pode ser institucional - a escola mostra o que faz - ou particular, - grupos, professores ou alunos criam suas home pages pessoais, com o que produzem de mais significativo. A pesquisa pode ser feita individualmente ou em grupo, ao vivo - durante a aula - ou fora da aula, pode ser uma atividade obrigatória ou livre. Nas atividades de apoio ao ensino, podemos conseguir textos, imagens, sons do tema específico do programa, utilizando-os como um elemento a mais, junto com livros, revistas e vídeos. A comunicação se dá entre professores e alunos, entre professores e professores, entre alunos e outros colegas da mesma ou de outras cidades e países. A comunicação se dá com pessoas conhecidas e desconhecidas, próximas e distantes, interagindo esporádica ou sistematicamente. (MORAN, 1997, p. 146)

O professor pode e deve aliar as mídias à sua prática pedagógica, porém com sensibilidade e senso crítico para que haja aprendizagem e não sejam apenas fim em si mesmas. Assim, tornará as aulas mais interessantes e instigantes, aproveitando a expectativa positiva que os alunos têm quando há o uso desses meios como recursos didáticos, pois aproximam a sala de aula do cotidiano, das linguagens de comunicação na sociedade moderna.

Para que esse processo de introdução das mídias na educação seja satisfatório, principalmente os recursos da informática, é preciso que o professor esteja disponível para, muitas vezes, aprender a usá-los, avaliando e modificando seus métodos de ensino, adotando conceitos que apontem para novas posturas

didáticas que reforcem atividades para diversas capacitações de seus alunos. Adotando as novas tecnologias o professor passa do posto de dono do saber a mediador da aprendizagem, de acordo com Mercado (2002, p. 138), ele “passa a dirigir as pesquisas dos alunos, apontar caminhos, esclarecer dúvidas, propor projetos e sem dúvida aprender muito mais.”

Assim corrobora Lévy, citado por Santos (2003), quando diz que a instituição escola ainda tem como referência o professor, o mestre e a escrita manuscrita do aluno, mesmo já tendo passado mais de quatro séculos da invenção da imprensa. Entretanto, para que haja uma integração real dos recursos dos quais a informática dispõe há que se abandonar um hábito milenar e isso não acontecerá em um espaço curto de tempo.

O professor precisa se conscientizar de suas ações pedagógicas nesse novo contexto educacional, revendo constantemente sua prática docente, com sensibilidade para apoiar o aluno numa formação cidadã reflexiva, crítica e comprometida nesse novo contexto no qual estamos todos inseridos.

Essa formação inclui a informatização na educação, situando o ser humano como um ser de relações sociais e culturais e que precisa de condições para desenvolver potencialidades, atuando e usufruindo de todas as situações possíveis dentro da sociedade. De acordo com Mercado (2002),

A escola não é só um espaço físico. É acima de tudo, um modo de ser, de ver. Ela se define pelas relações sociais que desenvolve. E se ela quiser sobreviver como instituição, precisa buscar o que é específico dela, pois o ritmo acelerado de inovações tecnológicas exige um sistema educacional capaz de estimular nos estudantes o interesse diante de novos conhecimentos e técnicas e que sejam mantidas ao longo de sua vida profissional. (MERCADO, 2002, p. 137)

Adequar a tecnologia ao ensino é produzir um ambiente informatizado capaz de criar um mundo de possibilidades para que se alarguem as opções de ação didática.

2.2 A ERA DA COMUNICAÇÃO VIRTUAL

Desde o final do século XX, a partir do processo de globalização pode-se constatar que cresce a cada dia o acesso às tecnologias de comunicação, onde a Internet ocupa um lugar de destaque principalmente entre os jovens. O computador

antes visto como sendo acessível a poucos, hoje é privilégio de muitos, tornou-se praticamente indispensável nas relações humanas e para muitas pessoas sua vida social e profissional está no mínimo mediada pela Internet.

Para Lévy (200?), a Internet:

Está se tornando um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação humana e de pensamento humano. O que isso vai se tornar em termos culturais e políticos permanece completamente em aberto, mas, com certeza, dá para ver que isso vai ter implicações muito importantes no campo da educação, do trabalho, da vida política, das questões dos direitos. (LÉVY, 200?)

A democratização do acesso a esses meios de comunicação virtuais contribuiu para que a informação esteja ao alcance de todos. Tal constatação leva ao fato de que a tecnologia é uma das dimensões imprescindíveis do progresso,

A sociedade vem adquirindo novas maneiras de pensar e de conviver no mundo digital, interagindo com as mudanças ocorridas em relação com emprego, qualificações profissionais, relações de trabalho, suas condições e meio ambiente, aspectos todos que exigem dos cidadãos, de fato, outros modos de agir e interagir. (SANTOS, 2003, p. 21)

A rede mundial de computadores proporciona uma reunião de muitas mídias, pelo computador já é possível assistir televisão, acessar jornais, ouvir rádio, enviar e receber arquivos diversos, além de inúmeras possibilidades de interatividade. Tem-se um espaço cibernético, onde o que se encontra “é uma mutação comunicativa revolucionária contemporânea jamais vista antes na história da humanidade” (COSTA, 2005, p. 20).

Há pessoas que veem com certa reserva o uso excessivo do computador e da Internet, de acordo com Freitas (2005),

O acúmulo enorme de informações disponíveis e a possibilidade de acesso a elas, a velocidade de uma comunicação em tempo real, a aproximação de pessoas e de informações distantes, são fatos que ainda não compreendemos bem e, por não sabermos lidar com eles, nos causam estranheza. (FREITAS, 2005, p. 12)

Para Marcuschi (2010), com o avanço da tecnologia no campo da comunicação e da informação, há interferência direta nas atividades comunicativas, quando anteriormente, na década de 90, a forma mais dinâmica de comunicação envolvendo tecnologia era o telefone fixo, hoje se tem a Internet como um recurso

inovador. Através dela pode-se interagir com rapidez, possibilita a conversa virtual com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, contando ainda com o acesso a fontes inesgotáveis de informações.

Na era digital, a Internet mostra-se como a nova tecnologia capaz de ampliar a capacidade humana de aprender a compreender, onde o texto digitalizado, ou o hipertexto, se caracteriza pela não-linearidade, potencializando aprendizagens mais complexas (MARCUSCHI, 2010).

Como consequência desse processo, surge a necessidade de se compreender aspectos linguísticos que permeiam esse tipo de interação, a linguagem utilizada na Internet tem seus pressupostos que levam a novos paradigmas de comunicação, especialmente porque um dos aspectos da mídia virtual é a centralidade na escrita, pois, segundo Marcuschi (2010, p.21), “a tecnologia digital depende totalmente da escrita”, mesmo esta contando com uma mescla de imagens e sons.

No meio virtual, surgem novas expressões para designar formas de interação e socialização síncronas e assíncronas, pouco monitoradas, como: *chat*, *e-mail*, *blog*, *fotolog*, *homepage*, *site*, *e-forum*, *Orkut*, *MSN*, dando origem a novos gêneros textuais e novas formas linguísticas específicas desses textos.

Essa esfera de interação suscita uma linguagem própria utilizada pelos usuários, os internautas, uma nova modalidade linguística com grande número de abreviaturas, reduções, siglas, neologismos, estrangeirismos, desenhos, ícones, símbolos que expressam emoções, como risos e uso exagerado dos sinais de pontuação. Evidencia-se nessa escrita virtual a criatividade, a diversão, a irreverência, capazes de tornar menos frio esse ambiente.

Entre os gêneros emergentes no meio virtual, especialmente o *MSN* e o *e-mail* têm se mostrado como desafios no âmbito educacional, por serem estas formas de interação muito utilizadas por adolescentes e jovens.

O *Messenger*, mais popularmente chamado de *MSN*, é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation, nasceu em 1999 e permite a interação entre as pessoas através de conversas em tempo real pela Internet.

Teve como antecessor o ICQ – *I Seek You* – traduzindo, “eu procuro você”, segundo Marcuschi (2010, p. 58), “surgiu em agosto de 1996, pelas mãos de seu

criador Mirabilis, entrando na Internet quatro meses depois de sua criação”. Hoje, esse tipo de comunicação instantânea já atende há mais de 10.000.000.

O *MSN*, seu sucessor, possibilita uma interação totalmente personalizada, o que dá características de uma chamada telefônica, pois o programa avisa quando alguém está procurando, ou da lista de amigos está *online* e disponível para interagir (MARCUSCHI, 2010).

Este programa se tornou muito popular pela rapidez e dinamicidade na comunicação em tempo real, podendo-se dialogar utilizando uma *webcam*, expressar sentimentos com *emoticons* animados e ainda conta com o serviço de *e-mail* Hotmail integrado ao programa, por isso é de muito interesse do público jovem. Nesse ambiente virtual, utiliza-se uma forma linguística que foge ao uso da escrita padrão, reconhecida e prestigiada socialmente, mas muito próxima da oralidade.

O *e-mail* é outro gênero digital também muito usado atualmente, o termo se refere à correspondência eletrônica, ou correio eletrônico. Sua principal característica é o assincronismo das mensagens. Segundo Paiva (2010, p.86), “surgiu em 1971, quando Ray Tomlinson enviou a primeira mensagem de um computador para outro utilizando o programa SNDMSG que ele acabara de desenvolver”.

O criador do *e-mail*, foi também quem elegeu o símbolo @ para sinalizar a localização de um endereço eletrônico. Essa forma de comunicação através de mensagens eletrônicas caracteriza-se como o tipo de texto mais produzido nas sociedades letradas (PAIVA, 2010).

Apresenta vantagens como a velocidade de transmissão, a possibilidade de transmissão da mesma mensagem ser enviada a muitos destinatários ao mesmo tempo, pode ainda ser arquivada, impressa, reencaminhada, copiada, além de ser possível anexar outros arquivos.

Por outro lado, o *e-mail* apresenta alguns pontos negativos, como: dependência de provedores, o fato de poder ser enviado para endereço errado, ser copiado, alterado, ocasionar excesso de mensagens indesejáveis (os *spams*) e irrelevantes o que tem como consequência lotação na caixa de mensagens, e ainda a disseminação de vírus através de anexos (PAIVA, 2010).

E ainda:

o correio eletrônico é um novo canal de mediação de gêneros já conhecidos e deu origem a um novo gênero que agrega características do memorando,

do bilhete, da carta, da conversa face a face e da interação telefônica. [...] Os usuários têm a intuição de que estão utilizando um novo gênero que difere dos mencionados acima, mas que ao mesmo tempo guarda uma certa semelhança com eles. (PAIVA, 2010, p. 101-102)

O *e-mail* deu origem a uma revolução nas relações humanas, no âmbito educacional e representa uma questão de inclusão social, por isso merece ser mais estudado.

2.3 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS: O USO INTERNETÊS

De acordo com Bakhtin (1979), é pela língua que ocorre a interação humana, é através dela que ocorrem as relações sociais, onde os falantes/interlocutores se tornam sujeitos. Cada usuário dela é também um agente modificador, atribuindo-lhe marcas geradas pelas novas situações de uso. Nessa concepção, a língua é vista como forma de interação humana não estável.

Geraldi (1984) compartilha com essa visão bakhtiniana, quando diz que a língua é uma prática social, por isso é preciso refletir sobre ela dentro de um contexto. Ela é viva, dinâmica e tem formas variáveis porque a sociedade é dividida em grupos e o uso de determinada forma serve para inclusão em um desses grupos, dá uma identidade a seus membros.

Todas as línguas existentes no mundo podem ser caracterizadas como um sistema composto por elementos interdependentes e possui regras para sua combinação. Mesmo respeitando-se as normas desse sistema, a língua apresenta variações. Nem individualmente pode-se afirmar que seu uso seja sempre igual, pois seu usuário atua em diversas esferas sociais e dependendo da situação, a mesma pessoa pode utilizá-la de diferentes formas.

Esses estudos cabem à Sociolinguística, que estuda a língua da perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina, por isso analisa fenômenos das variações linguísticas evidenciadas em vários aspectos: morfossintático, fonológico e no léxico e como um dos estudiosos desse campo, Bagno (2007) afirma que

a língua na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução. [...] a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos

os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (BAGNO, 2007, p. 36)

Entre as formas de comunicação utilizadas principalmente pelos jovens na atualidade está a Internet, onde eles interagem através da escrita, mas constroem seus textos como se estivessem “falando por escrito” utilizando o “internetês” – uma variação da linguagem muito particular, permeada de abreviações, símbolos e desenhos – os *emoticons* – com o objetivo de agilizar e facilitar a escrita.

Para Komesu e Tenani (2009),

O internetês é conhecido como forma grafolinguística que se difundiu em textos como *chats*, *blogs* e demais redes sociais. Seria uma prática de escrita caracterizada pelo registro divergente da norma culta padrão [...] razão pela qual seus adeptos são tomados como ‘assassinos da língua portuguesa’, do ponto de vista dos avessos a essa prática de escrita. A prática de abreviação, o banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou a repetição de vogais, as modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras, são alguns dos traços que podem ser observados na ortografia desse texto”. (KOMESU; TENANI, 2009, p. 624)

Sendo um contexto real de uso da língua, a Internet, através de seus recursos de interação, possibilitou a oportunidade de se observar que o adolescente nunca leu e escreveu tanto quanto atualmente, pois nesse meio se tem um outro real, que dialoga literalmente com seu interlocutor, enquanto que na escola as situações de comunicação são artificiais e o outro é centrado no professor que avaliará o trabalho do aluno. Nesse sentido, a escola deve considerar esse novo espaço de interação e apropriar-se dele como um apoio no que se refere à descoberta dos interesses dos alunos, enfatizando situações que estejam interligadas às realidades dos sujeitos da aprendizagem. (DEFILLIPO; CUNHA, 2005)

O internetês, como uma variação linguística, revela uma nova articulação entre a oralidade e a escrita e impõe uma prática do professor de Língua Portuguesa que privilegie esses gêneros emergentes que fazem parte do cotidiano do aluno. Desta forma pode-se ampliar a variedade de gêneros oferecidos, incluindo os não escolares, criando maior aproximação entre escola e sociedade. O uso dos gêneros em questão poderá possibilitar a reflexão sobre o uso da língua materna, facilitando o acesso aos saberes escolares.

Pensar sobre o uso da língua envolve refletir sobre a sua dimensão dialógica, observada em situações concretas, reais, em diferentes contextos, onde a linguagem verbal se integra com

as outras linguagens (as artes visuais, a música, o cinema, a fotografia, a semiologia gráfica, o vídeo, a televisão, o rádio, a publicidade, os quadrinhos, as charges, a multimídia e todas as formas infográficas ou qualquer outro meio linguageiro criado pelo homem), percebendo seu chão comum (são todas práticas sociais, discursivas) e suas especificidades (seus diferentes suportes tecnológicos, seus diferentes modos de composição e de geração de significados) (FARACO, apud Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, 2002, p.14).

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná enfatizam a importância do professor de Língua Portuguesa levar para as aulas textos de diversas esferas sociais – orais e escritos – integrando a linguagem verbal com outras linguagens, sendo isto possível em situações de comunicação demonstradas nas interações através da Internet nos *e-mails*, *chats*, MSN (Messenger), *blogs* e redes sociais como o Orkut. As DCE's também colocam que é tarefa da escola:

possibilitar que seus alunos participem de diferentes práticas sociais que utilizem a leitura, a escrita e a oralidade, com a finalidade de inseri-los nas diversas esferas de interação. Se a escola desconsiderar esse papel, o sujeito ficará à margem dos novos letramentos, não conseguindo se constituir no âmbito de uma sociedade letrada. (PARANÁ, 2008, p. 48)

Apesar de ser considerada por muitos um “erro”, um desvio da norma padrão, a escrita produzida em ambiente virtual tem suas próprias regras, que são totalmente adequadas e se prestam muito bem ao contexto em que são utilizadas, pois se observa que a comunicação entre emissor e receptor é estabelecida, sendo esta variação muito criativa para a forma de interação de grupo, tem que ser ágil e dinâmica, chega a ser uma forma de identificação (CAIADO, 2007).

3 METODOLOGIA

Depois de apresentado o referencial teórico no qual se baseia este trabalho de pesquisa, abaixo está descrita a metodologia de pesquisa utilizada para melhor atender ao problema de pesquisa proposto:

“Qual a influência do uso da Internet, por meio dos recursos oferecidos por ela, na construção de textos escritos pelos alunos de sétimas séries do período vespertino do Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng, de Foz do Iguaçu, produzidos no contexto escolar?”

Dessa maneira, seguem abaixo as perguntas de pesquisa e os procedimentos metodológicos aplicados neste trabalho.

3.1 PERGUNTAS DE PESQUISA

- Como são os hábitos de uso da Internet dos alunos de sétima série do período vespertino do Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng?
- De que maneira os alunos utilizam a Língua Portuguesa em comunicações formais e informais, mediadas ou não pelo meio virtual?
- Os alunos têm consciência de distinguir o uso do internetês do uso na norma culta?
- Em que nível a escrita digital dificulta a escrita escolar?
- De que forma o internetês pode modificar a língua culta?

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos propostos neste estudo, a metodologia apresenta uma fase de pesquisa qualitativa e outra quantitativa.

A pesquisa qualitativa foi escolhida pelo fato de proporcionar melhor visão e compreensão do problema (MALHOTRA, 2001). Creswell (2007) afirma que a importância da pesquisa qualitativa está no fato de ela proporcionar o melhor entendimento dos porquês da questão estudada.

O tipo de pesquisa qualitativa mais adequado para se alcançar os objetivos propostos é o estudo de casos. De acordo com Yin (2003, p. 28), o estudo de caso trata de questões do “tipo ‘como’ e ‘por que’ sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos sobre o qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle”. Um estudo de caso não precisa ser meramente descritivo. Ele pode atingir um profundo alcance analítico, interrogando a situação (YIN, 2003).

A técnica de coleta de dados foi realizada por meio de coleta de “protocolos”, ou seja, foram recolhidos textos escritos pelos alunos para que pudessem ser estudados e analisados com relação à influência do internetês. Este procedimento será detalhado mais adiante.

Para análise dos dados a técnica mais pertinente é a análise de conteúdo. De acordo com Bardin (1977, p. 42), a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

Esta técnica permite realizar uma combinação da compreensão semântica do comunicado ou mensagem. Dessa maneira, além da descrição objetiva e análise de frequências, ela assume também a ligação de alguns elementos do discurso por meio de um processo de categorização de temas a serem investigados no texto. Na preparação dos dados, é preciso definir com antecedência as unidades de análise, codificando as palavras e expressões significativas em categorias e subcategorias de acordo com o que se deseja observar (RIZZINI et al., 1999).

A fase quantitativa abordada nesta pesquisa deu suporte para os resultados encontrados na fase qualitativa, circulando de forma mais abrangente as implicações do problema estudado. A pesquisa quantitativa considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir as opiniões e informações em números, para poder classificá-las e analisá-las por meio do uso de recursos e técnicas estatísticas (MINAYO, 2007).

O instrumento de coleta de dados selecionado para a pesquisa foi o questionário. É uma técnica de investigação composta por questões apresentadas por escrito para as pessoas pesquisadas (LAKATOS; MARCONI, 1985).

3.2.1 UNIVERSO DE PESQUISA E AMOSTRA

O universo de pesquisa é composto pelos alunos das sétimas séries do período vespertino do Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng, de Foz do Iguaçu. Somam um total 98 alunos, distribuídos em três turmas diferentes.

Na fase qualitativa da pesquisa, a amostra adotada não exigiu quantidade expressiva a ser estudada, mas sim suficiente para compreensão do problema. Já na fase quantitativa foram distribuídos questionários aos 98 alunos, sendo que somente 86 das respostas foram validadas.

Maiores detalhes referentes à amostra podem ser verificados nos tópicos a seguir.

3.2.2 ETAPAS DO PROCESSO DE COLETA: FASE QUALITATIVA

Na fase qualitativa, foram estudadas amostras dos conteúdos das comunicações enviadas pelos alunos da sétima série do período vespertino do Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng, em duas categorias: as 1) comunicações formais, que exigem por natureza que os alunos utilizem a norma culta da língua; e as 2) comunicações informais, em que a norma culta e as regras gramaticais não são observadas como componente importante na construção da mensagem.

Cada um dos tipos de comunicação, o formal e o informal, foi estudado comparativamente por meio de dois conteúdos escritos diferentes: um elaborado pelo meio virtual (*e-mails*, conversas no *MSN*) e outro pelo meio não virtual (material produzido na escola: redações e bilhetes enviados à pesquisadora).

Este procedimento, com respectiva amostragem, pode ser melhor visualizado na tabela abaixo:

Tipo de Pesquisa	Categoria da Comunicação	Meio	Recurso	Amostra
Qualitativa	Formal	Virtual	<i>E-mail</i>	5 <i>e-mails</i>
		Não virtual	Redação	5 redações
	Informal	Virtual	Conversas no	5 conversas

			<i>MSN</i>	
		Não virtual	Bilhetes	10 bilhetes

TABELA 1 – ETAPA QUALITATIVA

FONTE: A autora, 2010.

Por meio da comparação das comunicações e observando o meio pelo qual elas foram produzidas pretendeu-se encontrar subsídios para responder às perguntas de pesquisa propostas neste estudo. Os resultados estão descritos no próximo capítulo deste trabalho.

3.2.3 ETAPAS DO PROCESSO DE COLETA: FASE QUANTITATIVA

A etapa quantitativa da pesquisa teve como objetivo amparar os resultados encontrados na fase qualitativa, como também verificar se os alunos tinham consciência do uso e influência do internetês na sua produção textual, abordando assim a primeira pergunta de pesquisa.

Além disso, alguns dados foram coletados através do questionário aplicado com o objetivo de esclarecer algumas questões sobre a relação que eles têm com o computador e a Internet.

O questionário foi composto por sete questões fechadas e uma questão aberta e foi aplicado aos 98 alunos que compõem o universo de pesquisa.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados coletados foram analisados de forma a atender ao objetivo desta pesquisa, buscando evidenciar se há transposição do “internetês”, linguagem característica dos ambientes virtuais para a produção escrita dos alunos no contexto escolar.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Os resultados aqui apresentados demonstram os dados coletados através do questionário aplicado aos 98 alunos de sétima série do período vespertino do Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng, porém conseguiu-se o retorno de 86. Com este instrumento procurou-se conhecer o perfil dos alunos e qual a relação que eles têm com o computador e a Internet. Este instrumento foi elaborado pela pesquisadora exclusivamente para este fim e aplicado no mês de novembro de 2010.

Outros dados foram extraídos de textos produzidos dentro e fora do contexto escolar, no período de setembro a dezembro de 2010, sendo:

- interações dos alunos com amigos através do *MSN*, que foram enviadas à professora através de correio eletrônico;
- e-mails enviados à pesquisadora, que no caso era também a professora de Língua Portuguesa das turmas, onde simulava-se uma situação de falta em dia de prova e a comunicação deveria justificá-la;
- redações escolares produzidas segundo uma proposta elaborada pela pesquisadora exclusivamente para este fim, sobre o tema “As tribos urbanas”;
- bilhetes enviados à pesquisadora pelo Dia dos Professores, caracterizando-se como uma fonte de dados secundária, mas muito relevante para a pesquisa, uma vez que mostram uma comunicação escrita dentro do contexto escolar, mas que não se caracteriza como uma forma de avaliação, portanto, os alunos ficam “livres” de questões referentes à norma culta.

Foram considerados para análise os materiais escritos – *e-mail*, redação e conversa pelo *MSN* – dos mesmos alunos, somando cinco, para que fosse possível comparar as informações colhidas. Já os bilhetes, foram selecionados

aleatoriamente um total de dez. Seguem através das tabelas nos próximos itens as comparações entre as interações formais e informais, nos meios virtual e não virtual, assim como a discussão sobre os resultados.

Os dados colhidos na pesquisa de natureza quantitativa seguem analisados nos gráficos abaixo. O primeiro gráfico diz respeito à idade dos entrevistados.

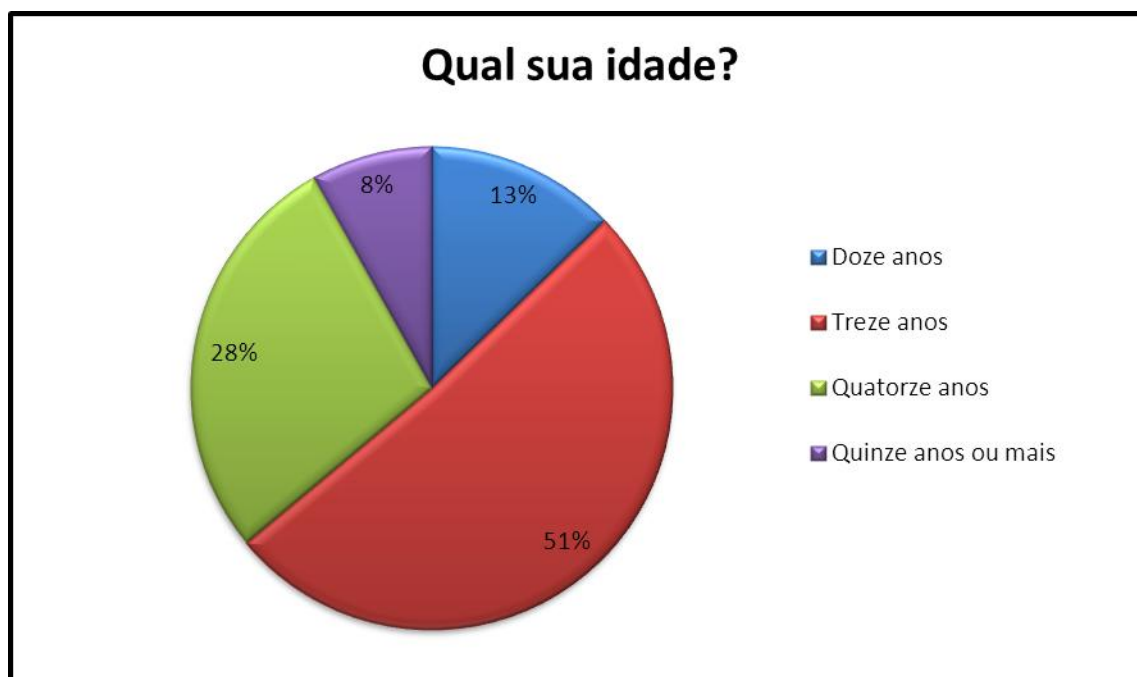


GRÁFICO 1 – QUAL SUA IDADE?
FONTE: A autora, 2010.

O gráfico 1 demonstra que a maioria da população pesquisada encontra-se dentro da faixa etária para a série, ou seja, 51% dos alunos têm treze anos e apenas 8% têm quinze anos ou mais.

O próximo gráfico apresenta os locais de onde os pesquisados acessam a Internet.

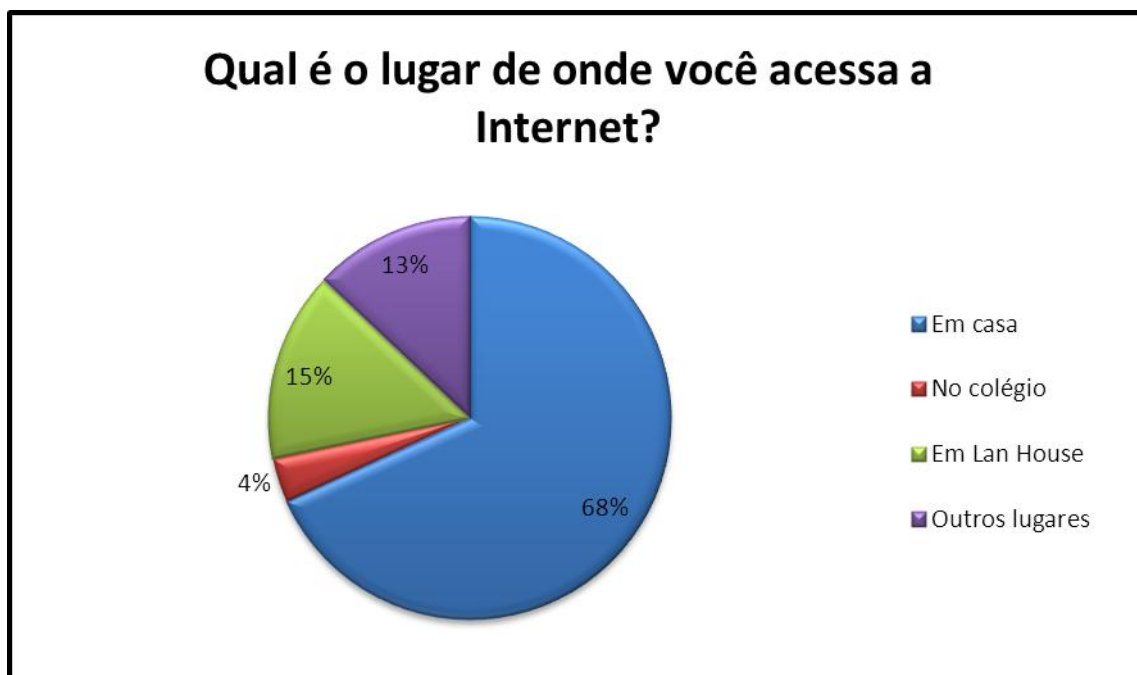


GRÁFICO 2 – QUAL É O LUGAR DE ONDE VOCÊ ACESSA A INTERNET?
FONTE: A autora, 2010.

Dos locais acessíveis à Internet, o gráfico 2 apresenta como mais comum a casa dos pesquisados, com o indicativo de 68%, e o colégio é o lugar menos utilizado para esse fim, com 4% somente. Esta constatação corrobora o fato do colégio pesquisado encontrar-se num bairro de classe média, mas que também atende alunos das periferias, que são de classes não tão favorecidas economicamente.

O gráfico seguinte traz os resultados referentes ao tempo que os alunos permanecem conectados à Internet.

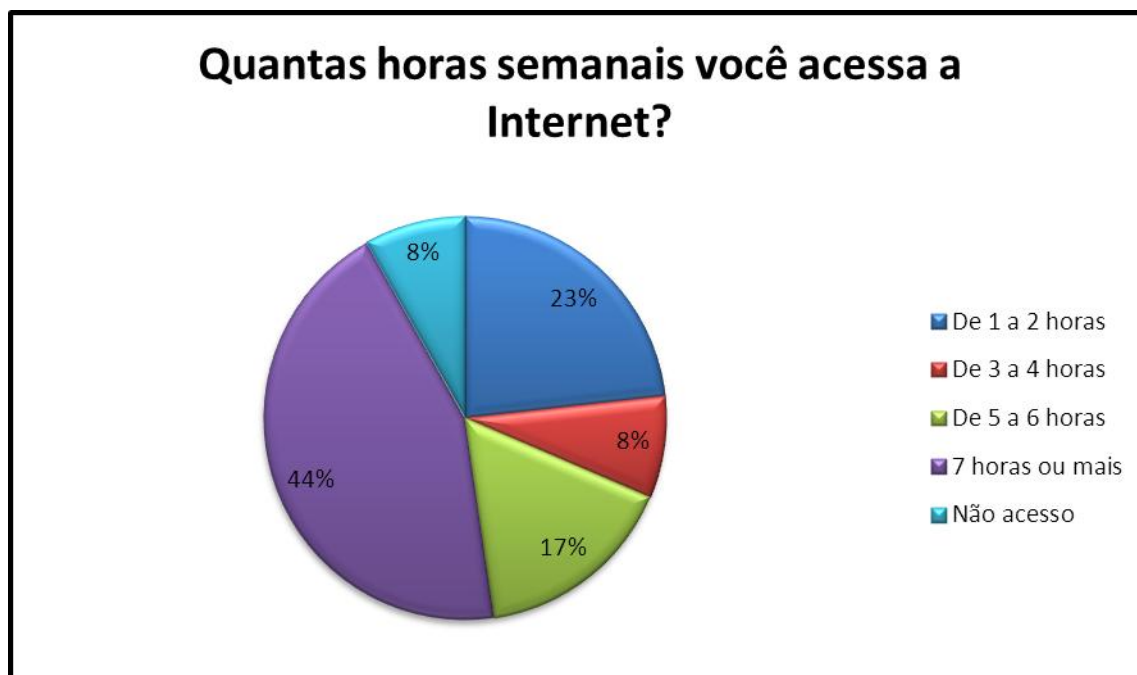


GRÁFICO 3 – QUANTAS HORAS SEMANAIS VOCÊ ACESSA A INTERNET?
 FONTE: A autora, 2010.

Quando inquiridos sobre o tempo que acessam a Internet por semana, 44 % dos alunos responderam que permanecem *online* por 7 horas ou mais, 23 % declarou ficar interligado à rede de 1 a 2 horas e uma minoria de 8% não a acessa. Essa evidência aponta para o fato que quanto mais se está interagindo através desse meio, mais ele pode estar influenciando na forma linguística do usuário em questão, o que será observado e discutido mais à frente.

4.2 HÁBITOS DE USO DA INTERNET

Para se conhecer um pouco sobre o comportamento dos adolescentes no que se refere à Internet, os dados foram representados através dos gráficos seguintes.

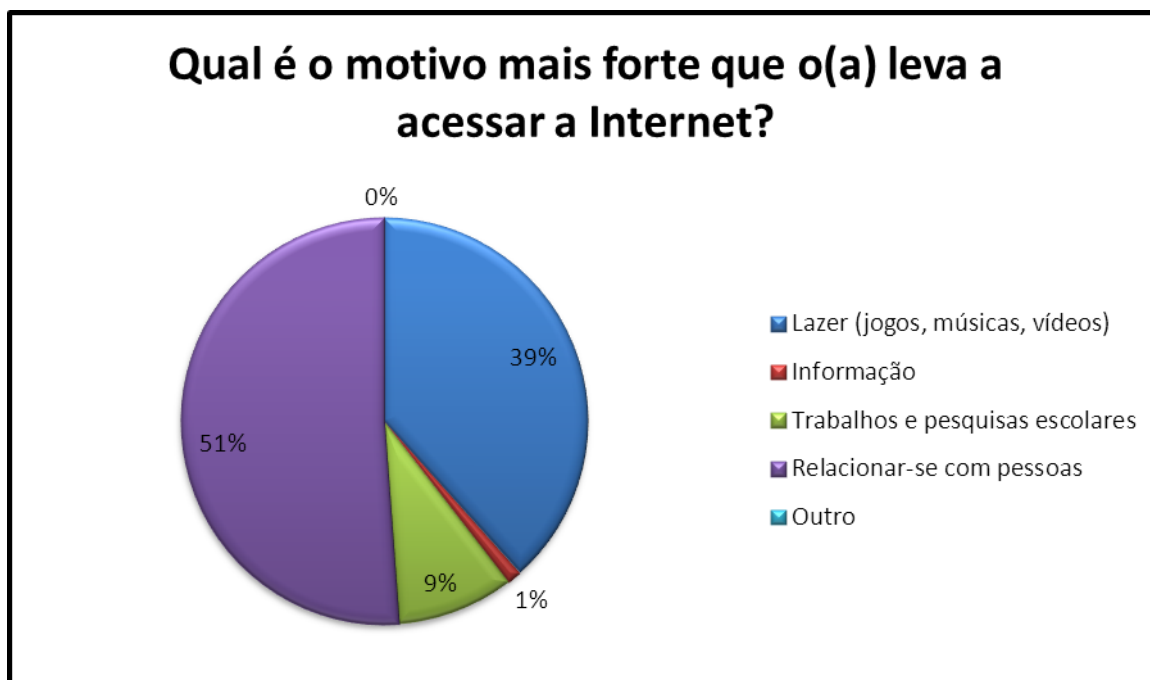


GRÁFICO 4 – QUAL DAS ALTERNATIVAS CORRESPONDE AO MOTIVO MAIS FORTE PARA ACESSAR A INTERNET?

FONTE: A autora, 2010.

De acordo com o gráfico 4, o motivo que mais leva os adolescentes a acessar a Internet é para relacionar-se com pessoas, com o indicativo de 51%, seguido pela busca de lazer, sendo jogos, músicas, vídeos, indicada por 39%. Apenas 1% dos alunos acessa a Internet para se informar. A alternativa apresentada aos pesquisados em que poderiam manifestar outro motivo qualquer não foi indicada.

O próximo gráfico apresenta os resultados sobre os meios que os alunos utilizam para fazer contato através da Internet.

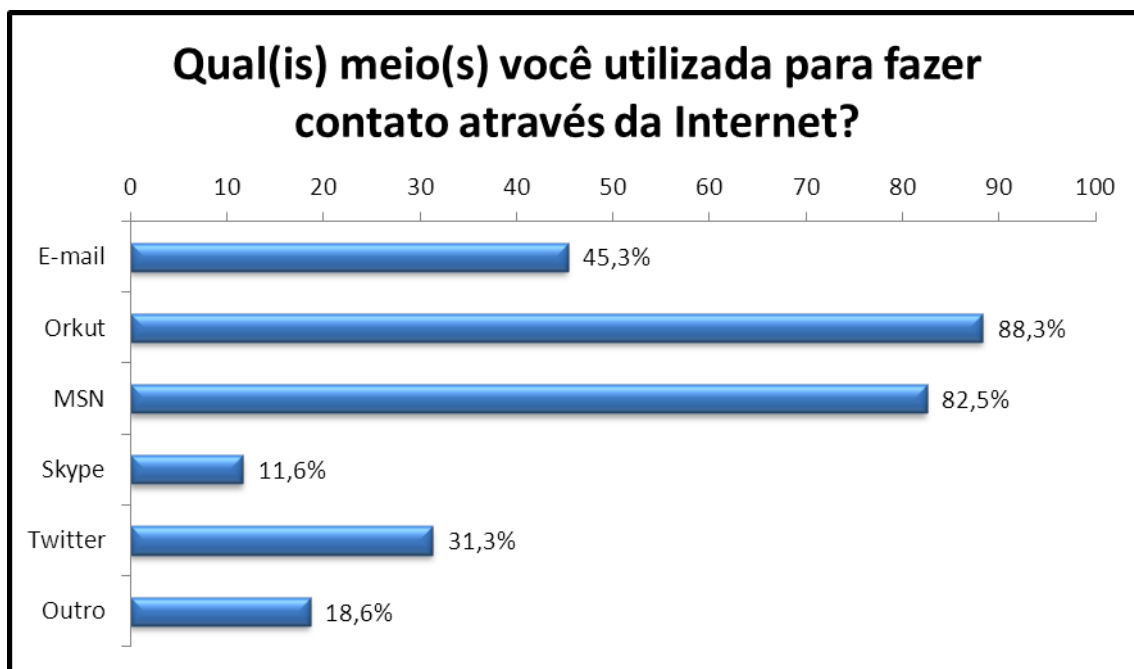


GRÁFICO 5 – QUAL(IS) MEIO(S) VOCÊ UTILIZA PARA FAZER CONTATO ATRAVÉS DA INTERNET?
 FONTE: A autora, 2010.

São apresentados no gráfico 5 os meios de interação entre as pessoas através da Internet, sendo que 88% da amostra utiliza o Orkut, 82% interage através do MSN e a forma interativa menos utilizada é o Skype, com apenas 11,6% de respostas.

O gráfico abaixo demonstra os dados coletados referentes à utilização da linguagem própria da Internet.

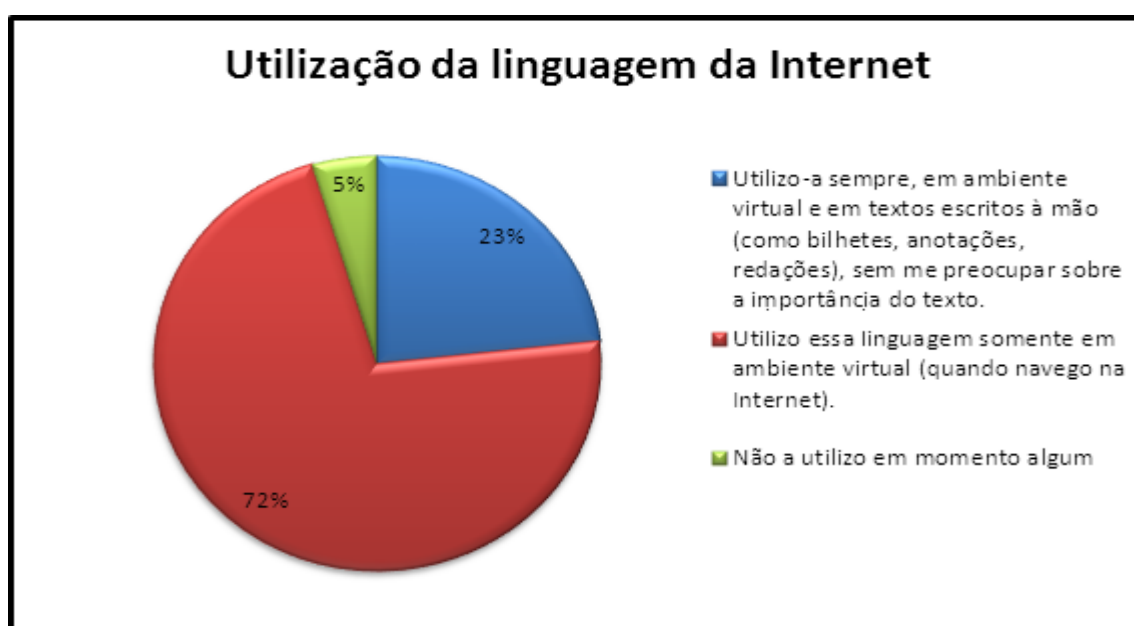


GRÁFICO 6 – UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM DA INTERNET
 FONTE: A autora, 2010.

Com relação à utilização da linguagem característica da Internet, 72% dos alunos pesquisados responderam que a usam somente em ambiente virtual, 23% revelou utilizá-la tanto no meio virtual como em textos escritos à mão, não dando importância ao texto e 5% demonstrou que não a utiliza em momento algum. Essas constatações levam a crer que a maioria dos adolescentes pesquisados tem consciência do uso do internetês, sabendo adequá-la à situação de comunicação.

O gráfico 7 estabelece uma comparação sobre a utilização do internetês com interlocutores diferentes, no caso: a mãe, o amigo, e o professor.

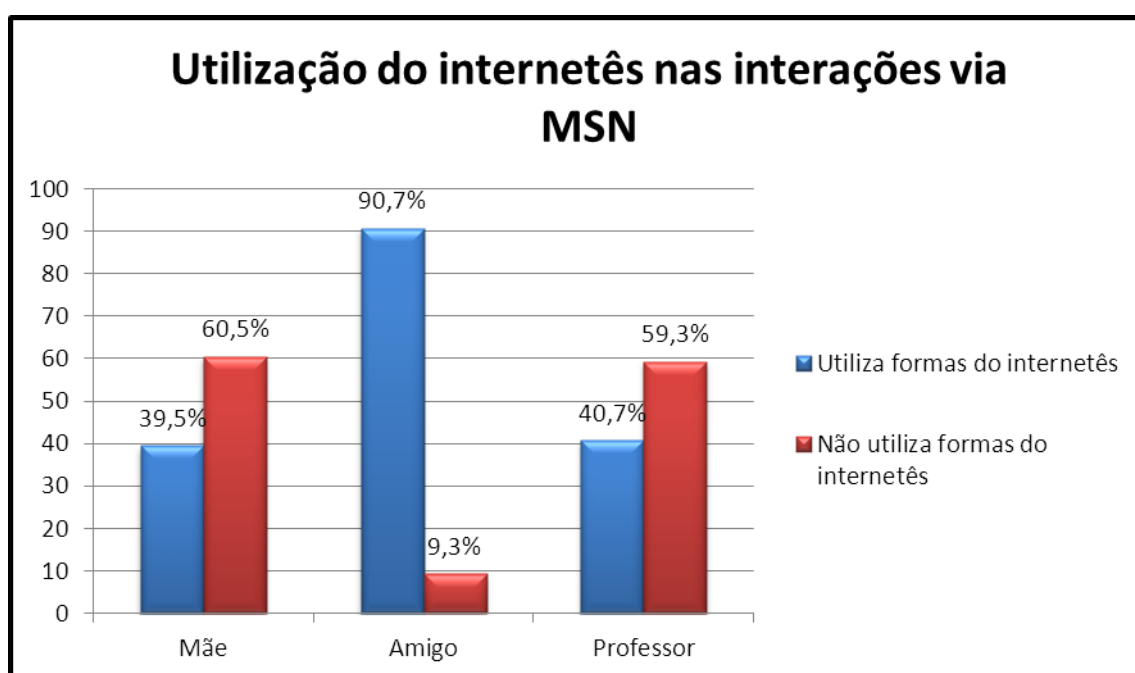


GRÁFICO 7 – UTILIZAÇÃO DO INTERNETÊS NAS INTERAÇÕES VIA MSN
 FONTE: A autora, 2010.

Conforme se verifica no gráfico 7 (referente à questão aberta do questionário, de número 6), comparando os dados, fica evidente que nas interações através do *MSN* com os amigos, por ser uma situação bastante informal, os adolescentes utilizam a linguagem própria da Internet, demonstrado esse fato pelo índice de 90,7%. Enquanto que em situações com pessoas do convívio familiar e escolar, aqui representados pela mãe e pelo professor, também acontece o uso dessa variação linguística, porém com menor escala, sendo 39,5% e 40,7%, respectivamente.

Pode-se considerar a hipótese disso ocorrer porque o adolescente julgaria estas situações mais formais, por estar interagindo com pessoas a quem deve mais respeito e, portanto, não caberia usar um nível de linguagem tão coloquial. Também

cabe comentar que isso poderia acontecer porque a mãe geralmente não entenderia a linguagem por não ser tão próxima ao meio e com os professores pelo fato dos alunos sentirem-se sempre avaliados.

As formas pelas quais os alunos fazem contato por escrito na Internet são analisadas no próximo gráfico.

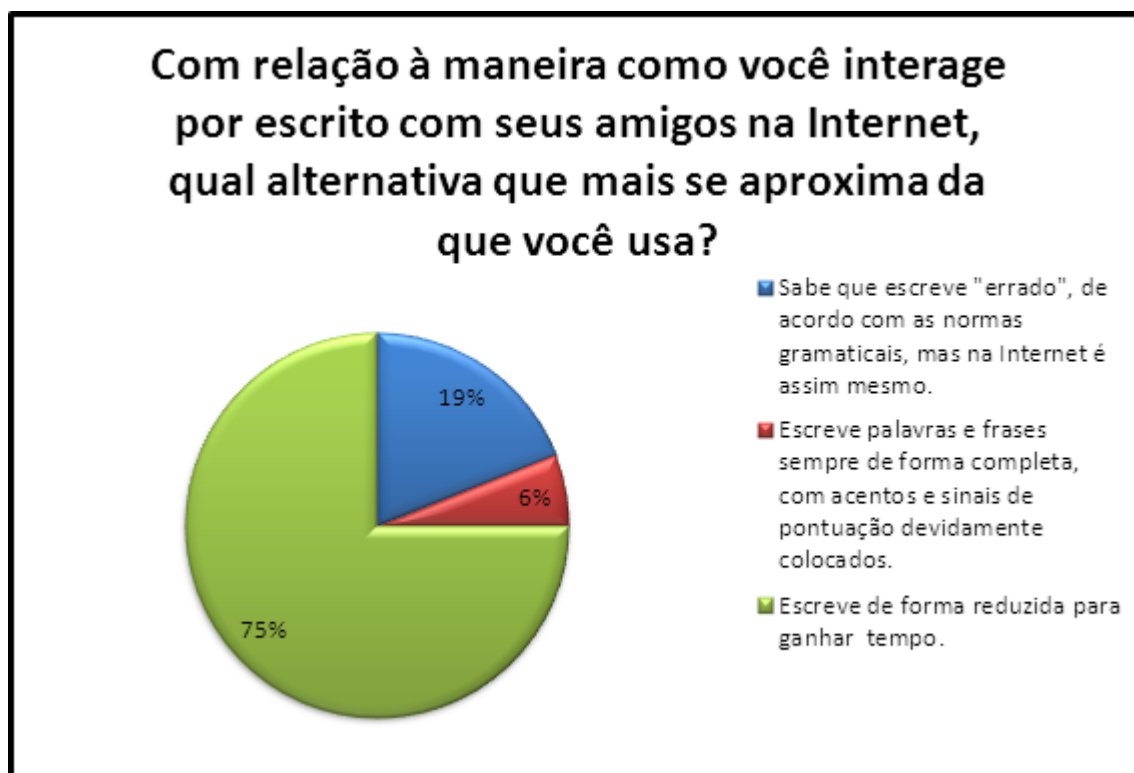


GRÁFICO 8 – COM RELAÇÃO À MANEIRA COMO VOCÊ INTERAGE POR ESCRITO COM SEUS AMIGOS NA INTERNET, QUAL ALTERNATIVA MAIS SE APROXIMA DA QUE VOCÊ USA?
FONTE: A autora, 2010.

No que se refere à maneira como os alunos interagem por escrito com os amigos pela Internet, o gráfico 8 mostra que 75% deles responderam que escrevem de forma reduzida para ganhar tempo, enquanto que 19% sabe que escreve com desvios das normas gramaticais, mas consideram que isso é comum nas interações pela rede. E 6% escreve frases de forma completa, acentuando as palavras e usando a pontuação adequadamente. Este dado é um tanto “perigoso”, pois em situações em que é necessário ganhar tempo, que é o caso das interações no meio virtual (principalmente o *MSN*), é possível que eles escrevam as palavras fora das normas ortográficas.

4.3 COMUNICAÇÃO FORMAL: *E-MAIL* VERSUS REDAÇÃO

A tabela abaixo estabelece uma comparação entre o *e-mail*, produção escrita no meio virtual, e a redação escolar, produzida em sala de aula, feitas pelos mesmos alunos, ambas consideradas comunicações formais.

Comunicação Formal						
<i>E-mail</i>				Redação escolar		
Amostra alunos	Total de palavras	Número de marcas em internetês	%	Total de palavras	Número de marcas em internetês	%
A1	82	20	24,4	226	0	-
A2	52	4	1,9	137	1	0,7
A3	66	1	1,1	133	0	-
A4	34	2	5,8	155	1	0,6
A5	66	2	3	159	0	-

TABELA 2 – COMPARATIVO ENTRE A FORMA ESCRITA VIRTUAL (*E-MAIL*) E A FORMA ESCRITA NÃO VIRTUAL (REDAÇÃO ESCOLAR) FEITAS PELOS MESMOS ALUNOS
FONTE: A autora, 2010.

Baseando-se nos dados coletados nos textos produzidos e explicitados na tabela 2, os alunos diferenciam a forma de escrita, compreendendo que a escolha linguística deve estar adequada ao contexto, ao suporte e ao interlocutor.

Com relação aos dados coletados nos *e-mails*, o índice não foi alto, destacando apenas o informante A1, que apresentou 20 das 82 palavras em internetês, perfazendo um percentual de 24,4%. Os outros demonstraram ocorrência entre 1,1% e 5,8%. Isso revela que nessa interação monitoram mais a escrita, uma vez que escreviam para a professora e ainda tinham como motivação justificar uma falta em dia de prova, esse fato deve ser levado em consideração, pois a linguagem além de tudo deveria ser persuasiva (PAIVA, 2010).

Em contrapartida, na redação produzida na escola, o índice de marcas em internetês foi insignificante, quase nulo, mas apareceram. Com isso, é possível afirmar que essa forma linguística não está influenciando de maneira preocupante

nas produções escritas escolares dos alunos, uma vez que apenas duas verificações foram feitas nas redações, sendo estas dois *emoticons* – o informante A2 utilizou a forma “:D” e o informante A4 usou a forma “;D” junto da assinatura –, mas revelaram também que mesmo num tipo de texto formal, no contexto não virtual, a ludicidade se fez presente (DEFILLIPPO; CUNHA, 2005).

Através desses dados é possível acreditar que os alunos, na hora de escolher a forma linguística atentaram mais para o suporte de escrita do que para o interlocutor, pois nas duas produções analisadas, escreviam para a professora, mas por utilizarem a Internet para escrever o *e-mail* conotou mais informalidade. Enquanto que nas redações, por usarem o papel como veículo, tiveram maior preocupação com as regras gramaticais.

4.4 COMUNICAÇÃO INFORMAL: *MSN VERSUS* BILHETES

As conversas pelo *MSN* foram solicitadas aos 98 alunos, sendo que nem todos contribuíram com material de pesquisa. Dentre as conversas recebidas, optou-se por selecionar e analisar aquelas dos alunos que tinham também outras produções escritas para que se pudesse compará-las.

Os bilhetes, como são fonte de dados secundária, foram aproveitados por seu caráter informal, mesmo sendo produzidos na escola, mas não tinham como objetivo a avaliação da professora.

Os dados coletados nessas duas formas escritas seguem analisados nas tabelas 3 e 4.

Comunicação Informal			
<i>MSN</i>			
Amostra Alunos	Total de palavras	Número de marcas em internetês	%
A1	76	14	18,4
A2	93	23	24,7

A3	21	7	33,3
A4	67	18	26,8
A5	56	16	28,5

TABELA 3 – DADOS SOBRE A PRESENÇA DO INTERNETÊS NA COMUNICAÇÃO INFORMAL “MSN”

FONTE: A autora, 2010.

Comunicação Informal			
Bilhetes (Dia do Professor)			
Amostra Alunos	Total de palavras	Número de marcas em internetês	%
A6	32	7	21,8
A7	11	5	45,4
A8	24	0	-
A9	107	0	-
A10	49	8	16,3
A11	25	0	-
A12	68	13	19,1
A13	92	16	17,3
A14	50	6	12
A15	42	2	4,7

TABELA 4 – DADOS SOBRE A PRESENÇA DO INTERNETÊS NA COMUNICAÇÃO INFORMAL “BILHETE”

FONTE: A autora, 2010.

Comparando as informações colhidas nesses dois gêneros textuais, verifica-se um percentual considerável quanto ao uso do internetês, tanto em um quanto no outro, pelo fato das duas produções não conotarem qualquer tipo de avaliação, mesmo sendo os bilhetes escritos para a professora. Os índices de uso da linguagem da Internet no *MSN* ficaram entre 18,4% e 33,3% (tabela 3).

Já nos bilhetes os índices se mostraram muito discrepantes, conforme dados da tabela 4, onde houve três casos sem marcas do internetês até um informante que utilizou 45,4% dessa variação linguística.

Um dado interessante é que dos 10 bilhetes observados, 6 foram produzidos por meninas e 4 por meninos, sendo que dos informantes do gênero masculino (A6, A8, A9 e A11) apenas um deles utilizou o internetês.

Nos bilhetes produzidos pela população da amostra que corresponde às meninas (A7, A10, A12, A13, A14 e A15), a presença dessa variação foi muito evidente (tabela 4), através de *emoticons*, abreviaturas, redução de palavras, onomatopeias, estrangeirismos, gírias, marcadores conversacionais, troca de letras (como QU por K, CH por X) e repetição de vogais para indicar intensidade. Essa ludicidade foi notada pela situação da produção do bilhete, onde o objetivo era expressar carinho, agradecimento, congratulações, que também são características do *MSN* (COSTA, 2005).

4.5 COMUNICAÇÃO VIRTUAL: E-MAIL VERSUS MSN

Depois de analisadas as formas de comunicação formal e informal, também foi realizada uma comparação entre os meios: virtual e não virtual. Nesta seção foi realizada a análise relativa ao meio virtual, conforme dados demonstrados na tabela abaixo.

Comunicação Virtual						
E-mail				MSN		
Amostra Alunos	Total de palavras	Número de marcas em internetês	%	Total de palavras	Número de marcas em internetês	%
A1	82	20	24,4	76	14	18,4
A2	52	4	1,9	93	23	24,7
A3	66	1	1,1	21	7	33,3
A4	34	2	5,8	67	18	26,8
A5	66	2	3	56	16	28,5

TABELA 5 – COMPARATIVO ENTRE AS FORMAS ESCRITAS NO AMBIENTE VIRTUAL (E-MAIL E MSN) ESCRITAS PELOS MESMOS ALUNOS
FONTE: A autora, 2010.

Confrontando os dados obtidos nas duas comunicações realizadas pelo meio virtual, apresentados na tabela 5, pode-se observar que o índice de utilização de formas do internetês é muito distinto em quatro dos pesquisados, apenas o aluno A1 fez mais uso dessa variação da língua no *e-mail*, representando 24,4% das palavras utilizadas, já na conversa pelo *MSN* utilizou apenas 18,4%. Enquanto que os outros pesquisados, no *e-mail*, apresentaram índices entre 1,1% e 5,8% e no *MSN* de 18,4% a 33,3%.

Isso confirma dados que já foram discutidos, ou seja, que ao escreverem para a professora, mesmo no meio virtual, os alunos monitoraram mais a escrita, talvez pelo fato de o *e-mail* ser um tipo de interação assíncrona, não exigindo a rapidez e a dinamicidade característica do *MSN*, considerando ainda a possibilidade de revisar o texto antes de enviá-lo.

Segue abaixo uma relação com as formas do internetês verificadas nos textos produzidos no meio virtual (*e-mail* e no *MSN*):

- a. **Indicação de monossílabos trocados por uma letra:** q, t;
- b. **Substituição do acento agudo pela letra h em final de palavra:** tah, neh;
- c. **Marcadores conversacionais:** ué, aim, aa, eé, né, hm, aham;
- d. **Nasalização indicada por UM ou AUM em final de palavra:** entaum;
- e. **Sequência de consoante representando palavra, sem uso de vogais:** tbm, cmg, vc, vcs, vdd, tb, bj;
- f. **Várias formas para a mesma palavra:** ta, tah, tb, tbm, to, tô;
- g. **Registro sem acento e sem til:** to, ta, amanhã, ja;
- h. **Vocabulo com ausência de letra:** fazr, pra, traz;
- i. **Criações especiais a partir do contexto:** vaai, xau, tabom;
- j. **Uso de *emoticons* tipográficos e por imagem:**

:* *-*) : .- :** :) :#



- k. **Onomatopias indicando risadas:** hehehehe, SIODJFSOIDDS, ISUFHSIOJDFSOFI,
- l. **Repetição de letras para indicar intensidade:** vaai, beijooos, ooi,
- m. **Estrangeirismos:** ok, pop;
- n. **Uso excessivo de sinais de pontuação:** !!!!!!! , ????? , ...;
- o. **Alteração em nome próprio:** £MeRsOn, Isa; Danii;

p. **Abreviaturas:** prof, ã.

q. **Uso da letra K, representando o dígrafo “qu”:** pokinho.

Ainda foi possível observar a ausência de letras maiúsculas no início de orações e frases curtas.

4.6 COMUNICAÇÃO NÃO VIRTUAL: REDAÇÃO *VERSUS* BILHETES

As informações expressas nas tabelas 6 e 7 fazem referência ao uso do internetês em comunicações não-virtuais, sendo redações escolares e bilhetes. Seguem as comparações dos dados evidenciados.

Comunicação Não virtual			
Redação escolar			
Amostra alunos	Total de palavras	Número de marcas em internetês	%
A1	226	0	-
A2	137	1	0,7
A3	133	0	-
A4	155	1	0,6
A5	159	0	-

TABELA 6 – DADOS SOBRE A PRESENÇA DO INTERNETÊS NA COMUNICAÇÃO NÃO VIRTUAL “REDAÇÃO ESCOLAR”
FONTE: A autora, 2010.

Comunicação Não virtual			
Bilhetes (Dia do Professor)			
Amostra Alunos	Total de palavras	Número de marcas em internetês	%
A6	32	7	21,8
A7	11	5	45,4

A8	24	0	-
A9	107	0	-
A10	49	8	16,3
A11	25	0	-
A12	68	13	19,1
A13	92	16	17,3
A14	50	6	12
A15	42	2	4,7

TABELA 7 – DADOS SOBRE A PRESENÇA DO INTERNETÊS NA COMUNICAÇÃO NÃO VIRTUAL “BILHETE”

FONTE: A autora, 2010.

Através da tabela 6, fica muito claro que a maioria dos alunos compreende que em determinados gêneros, no caso a redação escolar, a norma culta, com regras gramaticais, especialmente ortográficas, deve ser eleita para o que se deseja expressar. Essa informação é confirmada pelo fato de haver apenas duas constatações nesses textos. Isso também se deve ao fato de que os alunos julgaram estar sendo avaliados e escreviam para a professora.

Já os bilhetes destinados ao mesmo interlocutor da redação, por ser uma situação descontraída, perdeu a formalidade e “permitiu” certos desvios da norma padrão, conservando a criatividade da linguagem, que também aparece nas interações na Internet. Nesse tipo de texto, mesmo sendo escrito no papel apresentou números altos, como o informante A7, com 45,4% de marcas do internetês (MARCUSCHI, 2010).

5 CONCLUSÃO

A velocidade imposta pelo meio de comunicação virtual muito utilizado atualmente pelos adolescentes e jovens – a Internet – ocasionou o surgimento do internetês, linguagem ágil, dinâmica, carregada de abreviaturas, símbolos, desenhos, que apresenta grafias diferentes das normas ortográficas da língua. Isso tem causado muita preocupação em pais, professores e estudiosos da língua no sentido de como estaria essa linguagem influenciando o desempenho escolar do aluno e a apropriação da norma culta.

Segundo informações coletadas na pesquisa, como o tempo que os jovens ficam interligados à Internet “teclando”, não há como negar que vão acabar internalizando formas utilizadas nas interações virtuais e expressá-las em outro tipo de texto fora da esfera digital.

No entanto, isso ocorre com mais frequência em situações informais no meio virtual, onde o interlocutor é alguém que faz parte de um mesmo grupo, com quem se tem certa afinidade, onde se exige agilidade, rapidez, pois se “fala por escrito”, então é preciso utilizar todos os recursos possíveis para expressar as emoções, que numa conversa face a face não seriam necessários.

É importante ressaltar que os alunos, devido ao advento da Internet, hoje leem e escrevem muito mais, também estão cientes de que o meio virtual não impõe as normas gramaticais, o que se pretende é estabelecer a comunicação e que ela seja satisfatória, além de ser uma forma de identificação de grupo.

Também ficou muito evidente a capacidade do aluno em optar por determinada variação linguística em função do veículo e do contexto de produção, escolhendo a norma padrão, mesmo que ainda não totalmente dominada na hora de escrever a redação escolar, uma vez que o texto seria lido pela professora, num contexto formal, que seria avaliado, portanto se fazia necessário monitorar a escrita.

Sobre esses dados, cabe ainda comentar que o computador, diferente da folha de papel, é considerado por eles um meio menos formal, onde interagem sem a preocupação de serem avaliados, dessa forma sentem-se mais livres para escrever, sem muitas preocupações com regras gramaticais.

Por meio desta pesquisa verificou-se que há registros do internetês nos textos formais produzidos no ambiente escolar, porém isso não representa ameaça à língua portuguesa, pois foi demonstrando que os alunos têm consciência do uso

dessa linguagem e sabem diferenciar o suporte de escrita. Apesar de ter sido também observada em textos escritos informais, no meio não virtual, isso ocorreu por ser o bilhete um gênero textual que aceita a linguagem coloquial, uma vez que o interlocutor quase sempre tem intimidade, não exigindo uma escrita elaborada.

Estas constatações nos fazem pensar sobre a importância do trabalho do professor de Língua Portuguesa, refletindo com seus alunos sobre a variação linguística em função do gênero textual a ser produzido, visando uma concepção interacionista da língua, abordando sobre a necessidade de se adequar a linguagem ao meio, ao interlocutor e ao contexto de produção (CAIADO, 2007).

Ao contrário do que se pensa no meio educativo, os alunos têm condições de escrever com adequação. Logo, o internetês e outras variações linguísticas vistas como “erro” podem e devem proporcionar reflexões sobre a língua no sentido de olhar para ela não como uma forma “una”, homogênea, mas que venham somar nos estudos da linguagem (KOMESU; TENANI, 2009).

Não se pode considerar o internetês como vilão, o que cabe à escola é alertar o aluno para se comportar adequadamente no que se refere à variação linguística, utilizando a Internet como um apoio na aquisição e melhora da competência comunicativa, já que motivação para escrever nesse meio o adolescente já tem.

Muitos puristas têm trazido à tona para discussões com estudiosos da área o fato do internetês estar ameaçando o nosso idioma. Juntam-se a eles pais e outras pessoas que muitas vezes nem dominam o ambiente virtual, com medo de que a escola não esteja dando conta de fazer com que os jovens e os adolescentes dominem o nível culto da língua.

Acredita-se que isso vem ocorrendo porque o professor, antes detentor de todos os saberes trazia o conhecimento aos seus alunos, impunha a norma culta, a forma escrita “correta” àqueles considerados não letrados. Hoje, com o advento da Internet, é o aluno que, na maioria das vezes a domina com maior propriedade como também todos os seus recursos de interação (RIBEIRO, 2007).

Na busca de tentar refletir sobre a questão citada, esta pesquisa demonstrou através dos dados colhidos, fundamentados teoricamente, que essa variação nada mais é do que uma grafia diferente, por utilizar o computador como suporte de escrita, por isso mesmo não pode ser considerada uma ameaça à norma culta da língua, que ainda é a variação de prestígio e meio de ascensão social.

Assim, considerando o indivíduo bakhtiniano, dialógico, os alunos pesquisados têm consciência do uso adequado do internetês e da norma culta, padrão, que eles ainda nem dominam totalmente, mas através da Língua Portuguesa é que materializaram seus textos.

Diante do exposto, é necessário que o meio educativo se conscientize de que a língua só tem vida porque é utilizada por seus usuários e eles é que a modificam segundo suas necessidades.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Nada da língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e Quarto Ciclos – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITO, Glaucia da S.; PURIFICAÇÃO, Ivonélia. **Educação e novas tecnologias**. 2 ed. Curitiba: Ibpex, 2008.
- CAIADO, Roberta Varginha Ramos. A Ortografia no Gênero Weblog: Entre a Escrita Digital e a Escrita Escolar. In: ARAÚJO. (Org.) **Internet & Ensino**: Novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- COSTA, Sergio R.; FREITAS, Maria T. de A. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet. In: COSTA, Sergio R.; FREITAS, Maria T. de A. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- CRESSWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.
- DEFILLIPPO, Juliana G.; CUNHA, Patrícia V. Por que *nickname* escreve mais que *realname*? Uma reflexão sobre gêneros do discurso. In: COSTA, Sergio R.; FREITAS, Maria T. de A. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**: Leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984.
- KENSKI, Vani M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 3 ed. Campinas: Papirus, 2007.
- KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. Palhoça, v. 9, n. 3, p. 621-643, set./dez. 2009.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

LÉVY, Pierre. **A emergência do cyberspace e as mutações culturais**. Disponível em:
 <<http://www.dhnet.org.br/direitos/direitosglobais/paradigmas/pierrelevy/emerg.html>>.
 Acessado em 10 de jan de 2010.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARCUSCHI, Luiz A. MARCUSCHI. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: Luiz A; XAVIER, Antonio C (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1971.

MERCADO, Luis P. L.(Org.) **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002.

MINAYO MC. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 2007.

MORAN, José M. Como utilizar a Internet na educação. **Revista Ciência da Informação**. Brasília, v. 26, n.2, p. 146-153, maio/ago. 1997.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, Vera L. M. de O. E-mail: um novo gênero textual. In: **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RIBEIRO, Ana E. Kd o prof? Tb foi navegar. In: ARAÚJO. (Org.) **Internet & Ensino: Novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

RIZZINI, Irma; CASTRO, Monica R. de; SARTOR, Carla D. **Pesquisando** : Guia de Metodologias de Pesquisa Para Programas Sociais. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 1999.

SANTOS, Maria Lúcia. **Do giz à era digital**. São Paulo: Zouk, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.